ISSN 1984-4891
OBSERVATORIUM
REVISTA ELETRÔNICA DE GEOGRAFIA

Desconstrução de quem é o homem pantaneiro. Como o Pantanal vem sendo reproduzido pelo mesmo discurso da época colonial.

Jonas Rodrigues Lopes[1]

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão crítica sobre a construção histórica do Pantanal e da figura do chamado "homem pantaneiro". O texto resulta de discussões na disciplina de Metodologia e Método da Pesquisa em Geografia a partir da análise crítica da pesquisa de pós-graduação do autor, voltada à caracterização de solos em uma determinada região do Pantanal. Embora esse enfoque seja relevante para compreender o espaço físico, o artigo problematiza a ausência das dimensões sociais e humanas. Discute-se como discursos coloniais, reforçados pela mídia, pelo turismo e pela economia, contribuíram para a criação de estereótipos que romantizam a natureza e invisibilizam povos indígenas, comunidades tradicionais e trabalhadores locais.

PALAVRAS-CHAVE: Pantanal; homem pantaneiro; colonialismo; território.

ABSTRACT

This article presents a critical reflection on the historical construction of the Pantanal and the figure known as the "Pantanal man." The text arises from discussions in the course *Research Methodology and Methods in Geography* and from a critical analysis of the author's postgraduate research, which focuses on soil characterization in a specific region of the Pantanal. Although this approach is relevant for understanding the physical environment, the article problematizes the absence of social and human dimensions. It discusses how colonial discourses, reinforced by the media, tourism, and economic activities, have contributed to the creation of stereotypes that romanticize nature and render Indigenous peoples, traditional communities, and local workers invisible.

KEYWORDS: Pantanal; Pantanal man; colonialism; territory.

[1] Pós-graduando em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: jonaslopes123@outlook.com

INTRODUÇÃO

Esse texto será baseado na discussão dos conteúdos de anticolonialismo e dos textos estudados em sala de aula, durante a disciplina de Metodologia e Método da pesquisa, ministrada pelo professor Tulio Barbosa. Serão discutidas no decorrer do texto as ideias de quem representa o homem pantaneiro, e de como o Pantanal é visto no imaginário da população brasileira. Com a finalidade de desenvolver uma análise crítica acerca de toda a história que foi criada no desenvolvimento da região e de como esse discurso é reproduzido naquele território recentemente.

Tulio Barbosa (2024) coloca que a ciência só pode progredir de maneira significativa se estiver constantemente em diálogo com as necessidades e os desafios do presente. Isso significa que, embora a ciência possa revisitar e reinterpretar sua continuidade histórica, é importante que esse processo ocorra sem interromper ou romper completamente com a tradição científica estabelecida. Em vez disso, a evolução da ciência deve ser vista como uma síntese entre a herança do passado e a adaptação às demandas e descobertas do presente.

Este texto parte dos objetivos delineados na pesquisa conduzida pelo autor na pós-graduação em Geografia. O foco da pesquisa é caracterizar uma região específica localizada ao sul do Mato Grosso do Sul, dentro dos limites territoriais do Pantanal. O método orientador adotado é fundamentado nos princípios positivistas, caracterizado pela ênfase no estudo do solo como objeto principal de análise. No entanto, vale ressaltar que as relações sociais e a vida dos habitantes desse espaço não estão sendo levadas em conta nesse estudo. A pesquisa concentra-se na análise do solo, negligenciando as dinâmicas sociais e a presença humana nesse contexto. A intenção deste texto não é criticar a pesquisa em andamento na área de Geografia Física. Embora essa pesquisa careça de dados humanos, ela possui uma relevância significativa ao explorar os elementos da natureza, visando compreender e espacializar todos os componentes naturais do espaço geográfico. Trata-se de uma investigação que possui uma metodologia bem definida, com técnicas e instrumentos específicos para a caracterização do solo e da vegetação. Ela mantém um certo rigor científico em sua descrição e construção da tese, tornando-se uma referência de estudo do solo para outros pesquisadores que podem estudar a área no futuro, independentemente do método geográfico que os pesquisadores queiram adotar.

Os objetivos para a construção deste texto surgiram a partir dos questionamentos levantados em sala de aula, sobre os métodos geográficos abordados

nas teses de dissertação de Geografia. Durante essas reflexões, percebi que minha própria tese estava limitada a ideias coloniais de caracterização de recursos naturais para exploração. Diante dessa crítica à minha pesquisa, surgiu a ideia de apresentar neste texto uma abordagem mais humanizada do que representa a minha área de estudo, o Pantanal, no imaginário da população brasileira. Para isso, busquei adotar uma abordagem com o método histórico-dialético, para a discussão, fazendo um resgate histórico de como essa região foi reproduzida a partir dos meios de produção adotados, e dialogando com escritos anticoloniais, para o embasamento de desconstrução das influências coloniais impregnadas no modo de ser do povo pantaneiro.

DESENVOLVIMENTO

QUEM É REPRESENTADO PELO ‘’HOMEM PANTANEIRO’’?

A influência dos meios de comunicação, como rádio e televisão, foi realmente fundamental na disseminação da imagem do Pantanal e na construção do imaginário em torno dessa região. A grande enchente na década de 70, na região de Corumbá, trouxe uma atenção para o Pantanal que antes era lembrado apenas em histórias de livros de colonizadores sobre a Guerra do Paraguai. A partir desse momento, o Pantanal começou a ser divulgado na televisão e no rádio, o que contribuiu para a criação de uma imagem icônica, a do ‘’homem pantaneiro’’. Segundo Galetti (2000), a concepção predominante era que a natureza deveria ser dominada, e foi uma meta desde a corrida do ouro no século XVIII até a expansão para o Oeste nos anos 1950, promovendo a ideia de que vastas regiões do país eram territórios "vazios" a serem colonizados. Assim, a ditadura militar, herança de todos os males coloniais, se aproveitou mais uma vez do discurso de povoamento e domesticação da natureza em prol de um desenvolvimento econômico-político da região. Assim, a mídia desempenhou um papel crucial na construção e reafirmação da identidade do pantaneiro ao longo do tempo, influenciando não apenas a percepção pública, mas também a própria autoimagem das pessoas que habitam essa região.

Não existe colonização boa, nem colonização que tenha gerado desenvolvimento para a região. A própria figura do colonizador já é infectada quando o processo ocorre. Andrade (1978) cita no prefácio do livro ‘’Discurso sobre o colonialismo’’ de Césaire como o colonizador se embrutece, por uma falsa sensação de poder, gerada por bens

materiais e propriedades privadas. São essas pessoas que, na grande maioria, são os racistas, fascistas, homofóbicos, misóginos, transfóbicos, machistas, pessoas que carregam cobiça e relativismo moral no seu jeito de existir. Infelizmente, essa "espécie" ainda contamina outros que acham que são dotados dos mesmos privilégios e utilizam essa moralidade como verdade.

Esse estereótipo do ‘’homem pantaneiro’’, retratado como um cavaleiro, peão, domador da natureza e criador de gado em condições climáticas adversas, foi em grande parte moldado pela mídia, especialmente pela televisão. Essa representação contribuiu para consolidar a figura do pantaneiro na imaginação popular. A novela "Pantanal", por exemplo, foi uma produção que contribuiu significativamente para reforçar essa imagem, mostrando mais uma vez a reprodução de um estereótipo criado para manipulação dos fatos ocorridos naquela região. Estereótipo que inclusive nega a existência da figura da mulher enquanto parte da população pantaneira, colocando a figura do homem como predominante na história do lugar.

Observando mais de perto, percebe-se que há uma confusão na representação do "homem pantaneiro". A construção dessa ideia muitas vezes mistura a figura do proprietário de terras e gado, com a do trabalhador que fornece a mão de obra. O verdadeiro homem pantaneiro, frequentemente, não é o dono das terras ou dos rebanhos de que cuida. Ele enfrenta uma vida árdua e difícil, moldada pelas condições de trabalho impostas e pelas características naturais da região. O proprietário de terras, por sua vez, é apenas mais um fazendeiro que acumula propriedades e lucra com atividades que remontam à época colonial, atribuindo aos trabalhadores explorados a condição de "pantaneiros". Essa confusão entre as figuras do proprietário e do trabalhador contribui para uma visão distorcida da realidade e perpetua as desigualdades socioeconômicas presentes no Pantanal.

Sob uma perspectiva dialética, o "homem pantaneiro" é, na verdade, uma força de trabalho explorada, cujo estereótipo retrata indivíduos corajosos que cuidam do gado em condições ambientais adversas. Esse retrato, no entanto, esconde o fato de que essas pessoas são frequentemente subjugadas por um sistema de produção agropecuário que visa apenas a maximização do lucro, à custa da exploração dos recursos naturais do Pantanal e do próprio homem pantaneiro. Essa exploração

perpetua a miséria e submete os trabalhadores a condições extremas, tanto físicas quanto socioeconômicas.

É inegável a ocorrência do homem pantaneiro enquanto realidade. Ele é real e faz parte dos imaginários, do cotidiano e da economia do Pantanal. A grande questão é continuar reproduzindo essa imagem de homem pantaneiro como pioneiro na região do Pantanal. Negando a existência dos povos indígenas que se instalaram ali há 3 mil anos. (Eremites de Oliveira, 2003). A crítica gira em torno do que foi estabelecido como "homem pantaneiro", e não propriamente nas pessoas que desempenham essa função diariamente na região. A criação dessa concepção do pantaneiro acabou reforçando a reprodução das heranças coloniais, a atividade agropecuária que não condiz com a natureza local, a concentração de terras, a romantização do estereótipo do trabalhador rural, especulação imobiliária e a perpetuação da miséria.

COMO É VISTO O PANTANAL?

Ao fazer uma navegação pela internet sobre o Pantanal, vemos que o Pantanal é representado pelas belas paisagens, animais selvagens, ambiente inóspito, pescaria e, em contraste com tudo isso, atividade agropecuária. A realidade do Pantanal é essa, é sobre essas pequenas ideias que é criados todo o estereótipo de região "exótica". Nesse cenário de interferências humanas inadequadas, acrescentam-se as mudanças de orientação dos ciclos de desenvolvimento, os conflitos políticos e militares internacionais ocorridos na região pela disputa de território entre Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina (Moreira, Schwartz, 2007). Hoje, com a urbanização do Centro-Oeste, dos estados de MS e MT, faz com que cresça ainda mais essa propaganda de exuberância da natureza, em contraste com o mundo natural e as grandes cidades. Cada vez mais as cidades estão mais perto do que se delimita como Pantanal, cada vez mais as pessoas estão migrando para mais perto, não no sentido de viverem harmonicamente com o ambiente, mas no sentido de se apropriarem do espaço.

Em espaços naturais assim, hoje em dia, o modo como é ocupado e explorado pelo sistema se dá na forma de "preservação", "sustentabilidade", mascaradas pelo setor do turismo, com a nova categoria de ecoturismo. Sabemos que esse conceito foi criado em prol da preservação dos espaços naturais, mas quando se trata do capitalismo, percebemos que tudo é levado aos interesses de poucos para que se possa lucrar com o que não é deles. Segundo Ribeiro e Barros (1997), tudo que vai de

encontro à ideia desenvolvimentista, há aspectos perversos criando resultados inesperados, mudanças indesejadas e dependências clientelistas e patrimoniais.

"A ânsia e o desejo pelo paraíso, sensação que compartilhamos com o imaginário medievorenascentista de Colombo, por exemplo, vai ao encontro da indústria do ecoturismo e, sobretudo, das empresas de turismo, o que me parece legítimo se pensado a partir da ótica do capitalismo" (Leite, 2008). Fomenta a ideia de colonização, apropriação do que é natural, selvagem, para o controle humano de um grupo específico. A ideia do ecoturismo, mesmo que pareça inofensiva, abre portas para um modo de exploração específico de regiões inacessíveis. É incrível como o ser humano não se contenta em ter ambientes inóspitos e selvagens sem que ele se aproprie e acabe com essa ideia. Fanon mesmo diz: "os colonialistas não percebem, mas eles sempre vão em direção às tradições das sociedades originárias para resolver seus problemas". São os colonialistas que se fazem defensores do estilo indígena.

Nesse contexto, o ecoturismo surge como uma máscara para a exploração comercial disfarçada de preservação ambiental. Embora concebido com boas intenções, sua implementação muitas vezes serve aos interesses capitalistas, resultando em consequências indesejadas. O desejo de controle sobre o selvagem e o natural reflete uma mentalidade colonialista, que busca subjugar e lucrar com os recursos da região.

O turismo na região transformou os latifúndios da agropecuária em pousadas, substituindo o gado por turistas. O turismo atraiu trabalhadores das pequenas cidades pantaneiras que nas zonas rurais se estabeleceram de forma improvisada, gerando o nascimento e crescimento de pequenas comunidades ribeirinhas que vivem em condições precárias, como a comunidade Passo das Lontras em Mato Grosso do Sul, conhecida como a "Favelinha" (BANDUCCI JÚNIOR, 2001). Um problema que, aos olhos de alguns, não é grande coisa, porém é uma substituição para mascarar o processo do colonialismo de uma atividade exploratória por outra. Por um lado, teve vantagens, como a recuperação de áreas degradadas pela criação de gado em vegetação nativa, mas isso não resolve os anos de histórias dizimadas dali. Apenas adianta ainda mais o processo de descolonização que deveria ocorrer por ali. O ecoturismo, mesmo sendo uma maneira eficaz de vender o objeto natureza, dá espaço para o turismo convencional e para aqueles que têm interesse em especulação imobiliária em latifúndios rurais. Ditos esses problemas genéricos, vêm os específicos que são

mascarados. O turismo sexual, camuflado em pesca amadora, principalmente nos barcos-hotéis, as interferências não sustentáveis nos estoques pesqueiros e a demanda sem manejo adequado dos recursos ambientais (Tufaile, 2011), a caça e o tráfico de animais silvestres, crescimento do número de fazendas turísticas e pousadas e construção de novas vias de acesso terrestre para adentrar mais ainda no Pantanal.

DESCOLONIZAÇÃO DO PANTANAL.

Segundo Neder (2008), há uma crise identitária no Mato Grosso do Sul e é reflexo da complexidade de definir uma identidade cultural para o estado, especialmente após sua divisão em 1977. Esta divisão desencadeou debates intensos sobre a identidade sul-mato-grossense, com diferentes grupos sociais e interesses políticos buscando definir e moldar essa identidade de acordo com suas próprias perspectivas. Existiu uma tentativa da mudança do nome do estado para "Estado do Pantanal" exemplifica a apropriação política dessa causa, onde interesses comerciais e políticos se sobrepõem à diversidade cultural e à complexa realidade social dos sul-mato-grossenses. Nesse contexto, os sul-mato-grossenses são retratados como uma população heterogênea, composta por uma variedade de grupos sociais com interesses e identidades distintas, todos inseridos em um processo complexo de construção e negociação de sua identidade coletiva.

A colonização da região do Pantanal foi simplesmente a substituição dos povos originários daquele lugar, pela população branca europeia, submetendo aquela região a atividades econômicas que não condizem com aquele universo. O processo de ocupação da população não indígena na região não foi simples, implicando tensão constante entre o homem e o universo natural. (LEITE, 2008). Todos os povos que viviam lá, foram submetidos à força às condições que os brancos impuseram para a colonização daquela região, para ser mais um território na mão da coroa Portuguesa. O processo foi brutal, negros e indígenas foram escravizados e submetidos àquela realidade. Bertelli (1987) representa o povo pantaneiro como uma tumultuada miscigenação entre espanhóis vindos da Bolívia nos anos de 1550, bandeirantes, soldados da guerra do Paraguai e indígenas, Guaranis, Paiaguás, Guatós, Guaycurú.

Essa mistura gerou o que hoje nós chamamos de comunidades tradicionais. As comunidades ribeirinhas, formadas por colonos europeus, africanos trazidos como escravizados e indígenas, e as comunidades quilombolas formadas por negros escravizados que fugiram para regiões distantes. Sendo o ponto em comum entre essas duas comunidades tradicionais, o reconhecimento dos saberes indígenas para se viver nessas regiões, e a culpa da colonização europeia por essas comunidades terem se instalado nessa região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frantz Fanon, em seu livro, Condenados da Terra, traz muitas colocações que são pertinentes na interpretação do processo de colonização do Pantanal e de várias outras regiões do Brasil. Da mesma forma que a colonização é tratada como a substituição dos povos de um lugar por outro povo, o processo de descolonização não deveria ser diferente, Fanon fala em seu livro que a descolonização é simplesmente a substituição de uma ‘’espécie’’ de homens por outra ‘’espécies’’ de homens. Pensar que uma região que era habitada há mais de 3 mil anos foi submetida a esse processo, nada mais justo que 300 anos de colonialismo sejam revertidos em um processo de ‘’troca’’ de humanos.

A adoção de uma postura crítica em relação aos modelos teóricos tradicionais, carregados de preconceitos colonialistas herdados do positivismo, do evolucionismo social e do determinismo ambiental se faz necessárias. As ideias de Fanon são uma maneira de se pensar como seria o processo ao contrário, será que os brancos aceitariam ser despejados de seus territórios como foi feito com os originários? Os herdeiros dos colonizadores carregam a culpa da colonização, e carregam uma herança triste e sangrenta de um espaço que foi modificado. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade:' acocorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada (Fanon, 1968). Ou seja, toda herança colonial reflete-se em miséria e desigualdade nos dias de hoje. Assim como a colonização não passou despercebida entre os povos africanos e os povos indígenas habitantes dali, o processo de descolonização não deveria ser diferente, ‘’a descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história’’. (Fanon, 1968). Os ‘’espectadores sobrecarregados’’ como tratado por Fanon, envolve uma grande maioria, enquanto os colonizadores uma pequena porção, nada mais justo que um processo que favoreça a maioria da população.

Portanto, o estereótipo do ‘’Homem Pantaneiro’’ só ajuda a reforçar mais uma vez o sistema de produção capitalista que existe lá e que tanto explora os indivíduos que se estabeleceram ali durante todo o contexto histórico. Quando se fala de mudança, tem que ser uma mudança que garante o mínimo para toda a população que se estabeleceu no local. A mudança deve ser radical, porém garantir o mínimo de

dignidade humana para os habitantes. A mudança da produção deve ocorrer, mudança da agropecuária por outro tipo de atividade. Uma divisão de terras justa, de modo que no mínimo terras para se cultivar e morar sejam garantidas para a população. Atividades que sejam harmônicas com o meio natural, de modo que o humano não tente controlar ou alterar o meio ambiente. Com certeza, esse é um processo. Serão as próximas gerações que poderão colher esse fruto, principalmente através da educação dos jovens de lá.

REFERÊNCIAS

AZANHA, G. As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul. Revista de Estudos e Pesquisas, Brasília, v. 2, n. 1, 2005.

BANDUCCI JÚNIOR, A. Turismo de pesca e suas contradições no Pantanal mato-grossense. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001.

BARBOSA, T. Pequeno manual de pesquisa científica em tempos de fascismo no Brasil. Uberlândia, 2024.

BERTELLI, A. P. Os índios cavaleiros Guaycurús: fatos acontecidos entre 1526–1986 no Pantanal do Mato Grosso. São Paulo: Uyara, 1987.

CÉSAIRE, A. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Augusto Sá da Costa, 1978.

FANON, F. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. As origens do povoamento indígena do Pantanal: aportes para uma nova revisão arqueológica. Pós-História, v. 11, 2003.

GALETTI, L. S. G. Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MOREIRA, J. C.; SCHWARTZ, G. M. As relações entre os pantaneiros e seu ambiente. Geografia, Rio Claro, v. 32, n. 2, 2007.

NEDER, A. Peña, bienvenida entre nosotros: moderna música urbana e a criação de uma identidade cultural em Mato Grosso do Sul. In: Cadernos do Colóquio. Rio de Janeiro, 2008.

LEITE, E. F. Do Éden ao Pantanal: considerações sobre a construção de uma representação. Espaço Plural, Paraná: CEPEDAL/UNIOESTE, n. 18, p. 145–151, 1. sem. 2008.

RIBEIRO, G.; BARROS, F. A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo. In: SERRANO, C.; TURIN, H. Viagens à natureza. 3. ed. Campinas: Papirus, 1997.

TUFAILE, E. L. Análise da pesca amadora em um trecho do Pantanal: diagnóstico e proposições de conservação. 2011. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional) – Universidade Anhanguera Uniderp, Campo Grande, 2011.